

revista PRIMAX
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO

ARTE E CULTURA

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

UBERABA/BRASIL

OUTUBRO 2022

ANO II

Nº 20

EDITOR

GUIDO BILHARINHO

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 20

SUMÁRIO

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

QUESTÕES

A Indústria do Entretenimento 4

LITERATURA E CINEMA

O Fenômeno do Duplo

Livros

Poe, Dostoiévski, Maupassant, Stevenson
e Artur Lobo de *O Outro* (1901) 7

Filmes

O Estudante de Praga (1912) 16
O Médico e o Monstro (1920) 20
A Dupla Vida de Verônica (1991) 24

TEXTO

O Idioma: Ser e Significado 27

REPERCUSSÃO DA REVISTA *DIMENSÃO*

Correspondência/Brasil - 1985 e 1986 28

FICÇÃO

o filho 41

POESIA

dersu 44

INDICAÇÕES

Lançamentos

Diário de Uberaba 46
A Estrada do Anhanguera 47

Edição em Inglês

Brasil: Cinco Séculos de História – Vol. I 48
Blogs Culturais 49

ESTE E NÚMEROS ANTERIORES NO BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

E-MAILS

guidobilharinho@hotmail.com
revistaprimax@gmail.com

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

APRESENTAÇÃO

Questões

A Indústria do Entretenimento

A impropriamente denominada indústria cultural impôs como finalidades principais da existência o *ter* e o *entreter* em detrimento do *ser* e do *saber*, marginalizando o inventivo, o criativo e o singular.

Literatura e Cinema

Reunião de duas artes distintas contemplando a ocorrência do duplo em diversas manifestações autorais.

Texto

Gênero intermediário entre o poético e o prosístico, o texto, por sua vez, também se diferencia do artigo e da crônica, constituindo categoria literária própria e autônoma.

Repercussão da Revista *Dimensão*

A receptividade e o entusiasmo suscitados pela poesia publicada na revista *Dimensão*, editada fisicamente em Uberaba de 1980 a 2000, vêm sendo expostos e documentados nessa seção.

Poesia

O poema “dersu” decorre do filme *Dersu Uzala* (1975), do cineasta japonês Akira Kurosawa.

AUTORIZAÇÃO

Publicação ou reprodução de textos desta revista, no original ou em tradução, mediante autorização.

Questões

A INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO

Acentuou-se progressivamente nas últimas décadas o domínio da indústria do entretenimento sobre a sociedade, condicionando-lhe e impondo-lhe gostos, pretensões e até padrões de pensamento e modos de encarar e levar a existência, conformando-os e restringindo-os aos estreitos limites de finalística hedonista, do aqui e do agora.



Reflexo e instrumento da produção econômica e sua comercialização, essa indústria – inicial e equivocadamente denominada de “cultural” pelos pensadores alemães da Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer – compõe-se de esquema publicitário de promoção indústriocomercial destinado a incentivar a sociedade a consumir e possuir.

Decorrência natural e até mesmo imperativa da necessidade de propagação de produtos, dela, no entanto, se descolou, se desdobrou e se agigantou tão potencial e eficazmente que se tornou, ela própria, parte inarredável e onipresente do cotidiano, a ponto de sua indispensabilidade no contexto alienador e alienante por ela implementado.

Assim, algo natural e necessário para promover a vazão da cada vez maior e mais aperfeiçoada produção industrial, criou e estabeleceu sua própria tábua de valores e, dado o vulto, as proporções e a sofisticação que atingiu, impôs-se à sociedade, conformando-a a seus propósitos, criando necessidades artificiais de consumo, padronizando o gosto para propiciar a produção em grandes quantidades de artefatos industriais em lucrativa economia de escala, na qual o que importa é a quantidade e não a qualidade.



Essa tábua de valores, circunscrita à pragmática promocional, resumiu-se a incentivar o ter e o consumir.

No processamento e parâmetros dessa finalística estabeleceu o consumo e o haver como exclusivos valores e objetivos do ser humano, afastando, tomando o lugar e substituindo as autênticas e legítimas condições e possibilidades humanas em crescente atrofiamento e marginalização dos princípios e ideais humanísticos inspirados e plasmados por pensadores, artistas e cientistas de diferentes e múltiplas tendências. Princípios e ideais, muitos deles, incorporados e aplicados pelas civilizações mais avançadas em determinadas épocas do evoluir da evolução humana.

Assim, ao invés da valorização do aperfeiçoamento intelecto-emotivo do ser humano por meio de obtenção do

conhecimento e do saber pelo estudo, disciplina, esforço e empenho, introjetou seu oposto, num processo de interiorização e absorção consumista e hedonista do ter, do consumir e do prazer como objetivos principais, senão únicos, da existência.



Com isso, nesse fazer, marginalizou e soterrou, quando não excluiu inteiramente, sob grossa camada promocional instrumentalizadora da mídia, o núcleo essencial do ser humano e suas autênticas vocação e destinação, apequenando a humanidade.

(do livro eletrônico *Questões do Nosso Tempo*, abril 2018)

Literatura e Cinema

Os Livros

O FENÔMENO DO DUPLO

Diversas Manifestações

Na literatura (e até no cinema), mas, inicial e principalmente nela, foi criada e focalizada a existência de ser duplo do protagonista, de outro ser que é seu próprio ser.

Nada mais estranho e inexplicável.

Diversos autores, porém, dedicaram obras (romances, contos e filmes) a esse fenômeno.

Entre os que foram possíveis detectar, podem ser indicados pela ordem cronológica das obras:



EDGAR ALLAN POE

- **Edgar Allan Poe** (EE.UU., 1809-1849), conto “William Wilson”, de *Contos de Terror, de Mistério e de Morte*, publicado em jornal da Filadélfia em 1839;

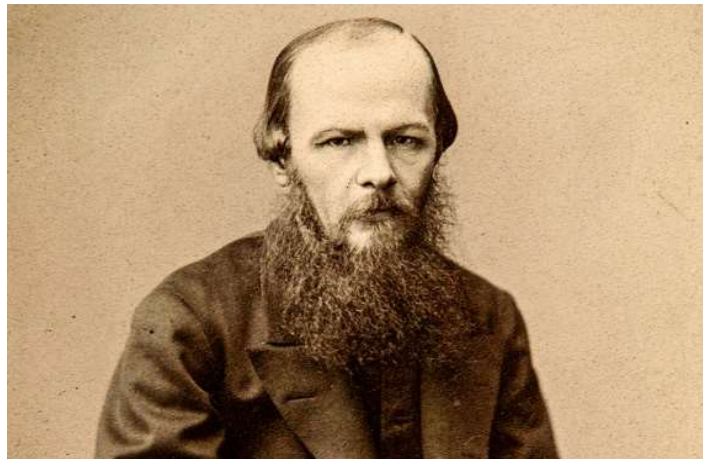
- **Dostoiévski** (Rússia, 1821-1881), romance *O Duplo*, de 1846;

- **Guy de Maupassant** (França, 1850-1893), conto “O Horla”, do tido como seu “*ciclo das*

histórias alucinantes e fantásticas [...] antevisão de sua

desagregação mental, da demência que se aproximava”,

conforme indicado por Mário da Silva Brito na orelha do livro *Bola de Sebo e Outros Contos e Novelas* (Rio de



DOSTOIÉVSKI

Janeiro/RJ, editora Civilização Brasileira, 1970);

- **Robert Louis Stevenson** (Escócia, 1850-1894), o romance *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*, mais conhecido como *O Médico e o Monstro* (1886), não obstante de natureza e características distintas das demais obra ora focalizadas, metaforiza com radicalidade a pretendida condição humana portadora das duplas e antinômicas personalidades do bem e do mal;



MAUPASSANT

- **Stellan Rye** (1880-1914), cineasta alemão, filme *O Estudante de Praga* (Der Student von Prag, Alemanha, 1912);

- **Krzysztof Kieslowski** (1941-1996), cineasta polonês, filme *A Dupla Vida de Verônica* (La Double Vie de Véronique, Polônia/França, 1991);

- **Mário Edson Ferreira de Andrade** (Uberaba, 1943-xxxx),

conto “O Outro”, publicado no *Suplemento Cultural do Correio Católico* (bibliografiasobreuberaba.blogspot.com), nº 1, Uberaba, 1 de julho de 1968, e na antologia *O Conto em Uberaba* (guidobilharinho.blogspot.com), editada em 2022;

- **Marcos Bilharinho** (Uberaba, 1967-), conto “O Outro”, constante também da citada antologia.

*



Em Poe, o duplo do protagonista surge fisicamente, desde seu nascimento, fato que descobriu quando, com os mesmos nome e altura e no mesmo dia, matriculam-se no colégio do dr. Brausby e, daí em diante, seu duplo não mais deixou de o perturbar, seja em Eton, Oxford e em diversas capitais europeias, sempre, no entanto, o corrigindo, denunciando e tentando impedir seus excessos, malvadezas e atos criminosos.



ARTUR LOBO

Em Dostoiévski o duplo é também personagem física que atravessa a vida do protagonista a partir do capítulo V do romance, quando “*Goliádkin acabava de reconhecer o seu amigo noturno. Este não era outro senão ele próprio,*

senhor Goliádkin, um outro senhor Goliádkin, absolutamente igual a ele e em tudo seu sócio” (cap. V). Mais adiante, nova aparição do duplo: *“o homem que estava sentado na sua frente era o seu terror, a sua vergonha, o pesadelo da véspera, era o próprio senhor Goliádkin”* (cap. V), que também era seu homônimo.



MÁRIO E. ANDRADE

Em Maupassant, a origem do duplo, também personagem física exterior ao protagonista, conquanto invisível e apenas pressentida, remonta ao Brasil, originária da província de São Paulo, transportada à França por navio.

Em Stevenson subsistem no mesmo indivíduo duas personalidades antinômicas, que não se manifestam, porém, concomitantemente como nos demais autores e, sim, alternadamente. Também diferentemente deles, nos quais o



MARCOS BILHARINHO

fenômeno é endógeno – com a exceção de Maupassant, onde o outro se origina externa e independentemente do protagonista – a existência do duplo é provocada por beberagem obtida em laboratório.

Stellan Rye, no filme, mantém, no caso, as características do conto poesco, conquanto que,

diversamente dele, onde a origem do duplo é inexplicável, no filme é explicitamente indicada que por arte diabólica.

Kieslowski, por sua vez, cria duas personagens distintas (uma em Paris, outra em Varsóvia), nascidas no mesmo dia e sócias, que seguem normalmente suas vidas sem nenhuma mútua interferência, a não ser a Verônica francesa ter a indelével impressão de que “*toda a minha vida senti que estava em dois lugares ao mesmo tempo. Aqui e em outro lugar*”.

Em Mário Edson Ferreira de Andrade o duplo é exterior ao protagonista, mas, às vezes com ele se funde e a ele se une, para sempre, quando de sua morte.

Já em Marcos Bilharinho, o outro é enigmático clone que coexiste interiormente com o protagonista e se manifesta em sonhos.

A Novela de Artur Lobo

No Brasil, a possivelmente primeira obra artística a eleger o tema do duplo como elemento ficcional central, é a novela *O Outro* (1901), do romancista e poeta Artur Lobo (1869-1901), por sugestão ou influência do conto de Poe (a quem se refere no capítulo primeiro da novela *No Cárcere*) e do romance de Dostoiévski.

Em *O Outro*, o autor, diferentemente de todos seus predecessores acima relacionados, excetuado Stevenson, não estabelece o outro como elemento independente e exterior ao protagonista.

Na Nota Preliminar, sem indicação de autoria, à edição de *O Duplo* afirma-se que Dostoiévski aplica “à técnica da ficção literária as novas concepções da psicologia patológica que então começavam a desenvolver-se em toda a Europa. O fenômeno que o autor vai aproveitar é o desdobramento patológico da personalidade” (Obra Completa de Dostoiévski. Rio de Janeiro, editora Aguilar, 1963, p. 285).

Contudo, se o fez, foi por vias indiretas, já que seu “desdobramento da personalidade” é físico, exterior e independente do protagonista, caracterizando não desdobramento, mas verdadeiro antagonismo de personalidade.

Já Artur Lobo o faz. De modo original, não obstante insólito, seu protagonista, “gelado de horror, como se meu corpo fosse permeável à gente estranha senti penetrar-me glacialmente por todos os poros uma coisa fria, repulsiva, mas viva e animada, gelatinosa e dúctil, fluídica, imponderável! Todos os meus tecidos até à medula dos ossos foram impregnados daquela substância leve, tênue e invisível como um gás [...] Senti-me possesso [...] o mundo me escapava!” (cap. I).

Sensação inusitada o domina, “porque instintivamente eu percebia, sem poder ter um conhecimento exato e positivo, os atos por assim dizer subterrâneos de minha consciência, dos quais decorria uma profunda alteração de meu caráter, afetando a essência de minha personalidade” (cap. I).

No desenvolvimento contínuo desse processo, mais e mais Artur Lobo demonstra conhecimento e apresenta

aprofundamento e consciência plena do desdobramento patológico da personalidade ou, mais precisamente, de seu desvio anormal.

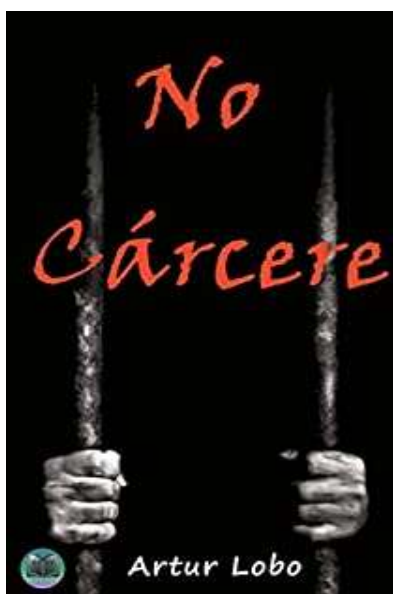
Circunstância que é demonstrada pelas suas cada vez mais agudas e pertinentes observações, a exemplo de: *“era vítima da perversão de minhas sensações [...] eu fazia esforços inauditos para que minha personalidade não me fugisse [...] Nestes momentos a consciência de um segundo eu era precisa e implacável; dentro de mim mesmo eu tinha um segundo ser curioso, atento e vigilante que observava os meus atos e agia por seu turno da maneira a mais irritante”* (cap. III).



Não obstante essa sensação de dualidade, de fragmentação da personalidade, de duplicidade de seres na mesma pessoa que domina sua personagem contra sua vontade, *“por mais que meu espírito se recusasse a admitir a coexistência de duas personalidades simultâneas ou alternadas, a alucinação era tal que eu me julgava verdadeiramente duplo, e a dualidade de pessoas agindo dentro em mim impunha-se com a evidência dos fatos”*, Artur Lobo não perde o controle de sua criação, levando-a a formular considerações de quem, como ele, enfronhou-se cientificamente nessa dual problemática, a ponto de afirmar que sua personagem admite *“como substância o que é apenas uma relação ou coordenação de elementos”* (cap. III).

Assim, pois, com conhecimentos científicos da questão superiores aos de seus predecessores, como demonstra no decorrer da ação ficcional, ou, pelo menos, com mais acentuada preocupação de entender o fenômeno dessa dualidade, o próprio autor concretiza outro fenômeno.

Como escritor que sempre viveu no interior do país (Sabará, Uberaba, Ribeirão Preto e na nascente Belo Horizonte), e viveu muito pouco (apenas 32 anos), desprovido de cursos especializados (que nem existiam no país) e possivelmente também de bibliografia especializada ou pelo menos atualizada, possuiu tão acentuada sabedoria e perspicácia da psicopatologia da mente?



O desdobramento e o aprofundamento conflitivo do dualismo que domina o protagonista até o desenlace final revelam autor seguro de seu métier a ponto de, em nenhum momento, hesitar ou tergiversar diante de circunstâncias cada vez mais graves e assoberbantes.

Além dessa segurança e desse conhecimento, Artur Lobo pontifica-se como escritor versátil com pleno domínio da linguagem, não obstante o vizo – disseminado no Brasil – de utilizar o galicismo *um* frequente e inutilmente, quebrando o elegante ritmo fraseológico, caracterizando-se, ainda, pela aguda sensibilidade, superior a de qualquer outro autor brasileiro de seu tempo, inclusive a

Machado de Assis, que se destaca, este, pelo humor, perspicácia, ironia e profundidade psicológica.

Tanto a *Amazon*, que disponibilizou eletronicamente os livros *O Outro* e *No Cárcere*, quanto anteriormente a Academia Brasileira de Letras que, por iniciativa do acadêmico Antônio Carlos Secchin, os reeditou fisicamente em 2012, resgatando-os do olvido, merecem especial referência e o devido reconhecimento por esse relevante serviço prestado à literatura brasileira.

(Inédito)

Os Filmes

O ESTUDANTE DE PRAGA

O Mistério do Duplo

O cinema alemão, como se sabe, tem destacada importância e, por isso, forte presença na história dessa arte no período mudo. Depois, mergulhado o país na ditadura nazista, carregada de violência, desumanidade e horrores, é transformado em instrumento de propaganda racista e ideológica, sem prejuízo, contudo e excepcionalmente, de um ou outro filme de real valor.

Ao que se informa e tudo indica, a pujança desse cinema, no qual se destacam os movimentos expressionista e vanguardista, começa com o filme *O Estudante de Praga* (*Der Student von Prag*, Alemanha, 1912), de Stellan Rye (1880-1914), praticamente ignorado no Brasil e mesmo alhures, já que não consta verbete sobre seu diretor em alguns dos mais importantes dicionários de cinema.



STELLAN RYE

O filme, como toda obra de ficção, pode ser considerado sob os aspectos de tema e forma, ou seja, de conteúdo e seu tratamento.

Visto (no sentido figurado e próprio) pelo prisma do segundo, observa-se ainda a pouca flexibilização dos movimentos e restrita exploração das possibilidades da câmera em comparação com os avanços verificados posteriormente. Contudo, considerando-se a época (a precariedade instrumental) e os precedentes fílmicos (raros de maior envergadura e muitos dos quais provavelmente Rye ignorava), *O Estudante de Praga* apresenta notável performance. Se a câmera porta-se fixa, não deixa, porém, de criar a profundidade de campo, onde os figurantes agem e movimentam-se, demonstrando seu diretor consciência cinematográfica.

O resultado de seu atilamento direcional é que hoje, mais de um século após e milhares de filmes depois, assiste-se à sua obra sem qualquer constrangimento, percebendo-se nela, à evidência, tirocínio e firmeza.

Os *décors*, as angulações da câmera e os enquadramentos da imagem são pertinentes uns, apropriadas outras e eficazes os últimos.

Conquanto objective-se narrar uma estória, sua efetivação percorre os caminhos e os meios artísticos e culturais próprios a atingir não apenas a finalidade ficcional, mas, ao fazê-lo, construir concomitantemente obra de arte.

As personagens são talhadas com segurança e habilmente dirigidas e representadas, do que resulta galeria de tipos, a exemplo da cigana, de Scapellini e do noivo da rica herdeira.

Se esses elementos fílmicos mostram-se eficientes, não se destaca menos o tema, calcado no imaginário popular baseado

em credences e medos atávicos e, no caso, inspirados e extraídos diretamente do canto fáustico de Goethe, cuja versão definitiva data de 1808, e dos mistérios articulados por Edgar Allan Poe.

Rye reúne e vincula esses precedentes artísticos. De um lado, humanizando o diabo para que mais facilmente capture a alma almejada, já de si propensa a aceitar a oferta demoníaca. De outro, pondo em atividade o fenômeno poesco do duplo, mantendo as características do conto (“William Wilson”, dos *Contos de Terror, de Mistério e de Morte*, publicados pela primeira vez, em 1839, em jornal da Filadélfia). Por fim, os amalgama e funde em sinopse bem concebida e efetivada.



Se em Poe, a origem do duplo é inexplicável e, por isso, mais terrificante e misteriosa, no filme é explicitamente revelada e exercitada por arte diabólica, mas, não menos perturbadora.

Se o epílogo fílmico é diverso do final do conto, não deixa de constituir seu prosseguimento e decorrência, conforme as terríveis palavras do duplo poesco ao morrer.

Assim, Rye efetua inteligente aplicação dessas obras literárias, aduzindo, ao mesmo tempo, outros fatores extraídos da cultura germânica, ressaltando-se, entre eles, a figura singular e trágica da cigana na sua sina de amar infrutiferamente com vigor e determinação, sinetes provavelmente atávicos e milenares.

Em suma, um filme simultaneamente síntese de temas universais e inaugurador de fecunda e significativa fase do cinema alemão.

A respeito do fenômeno do duplo, há ainda na ficção, além de possíveis outras, a criação romanesca de Dostoiévski na novela da juventude *O Duplo* (1846), na qual, à semelhança de seus congêneres poético e fílmico, o duplo do protagonista Goliádkin também lhe é adverso. Contudo, sua origem e atuação fundamentam-se em causação diversa, mantida enigmática.

Guy de Maupassant também elegeu a questão do duplo no conto “O Horla”, dando-lhe centralidade temática e obsessiva presença.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *Filmes Europeus Muito Bons* – vol. I, fevereiro 2021)

O MÉDICO E O MONSTRO

O Bem e o Mal

O romance do escritor britânico Robert Louis Stevenson, *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde*, mais conhecido como *O Médico e o Monstro*, de 1886, sempre provocou relativo interesse dada sua problemática essencial, de que o ser humano porta a dupla e antinômica característica do bem e do mal.



JOHN S. ROBERTSON

Cumprе, antes de tudo, ressaltar, que esse livro, a exemplo de centenas de outros, de aventuras ou não, foi escrito na Europa, principalmente no século XIX, então o centro do mundo, onde as coisas realmente aconteciam e as ideias vicejavam. Como se sabe, o desenvolvimento econômico e material produz e induz também ideias, concepções e criatividade.

Por isso, se vê nessa obra que o protagonista, dublê de médico e cientista, é europeu como o são todas as personagens, conquistas e investigações procedidas em muitos outros livros, a exemplo de *Viagem ao Centro da Terra* e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, ambos de Júlio Verne. Abre-se exceção aos Estados Unidos para Edgar Allan Poe, criador das ficções científica e policial modernas, e Thomaz Alva Edison, autor de centenas de inventos. Tudo, pois, acontecia mesmo na Europa, tanto por suas virtudes quanto pelas deficiências das demais regiões do planeta. Diz-se, com razão, que

quem importa produtos prontos e acabados importa também ideias igualmente prontas e acabadas, não sendo capaz de produzir uns nem de elaborar outras.

O fato é que, cinematograficamente, o citado livro de Stevenson, mais ainda que o conhecido *A Ilha do Tesouro* (1883), foi, e continua sendo, tema de inúmeros filmes, entre eles *O Médico e o Monstro* (Dr. Jekyll and Mr. Hyde, EE.UU., 1920), do canadense John Stuart Robertson (1878-1964), no qual se salienta a interpretação de John Barrymore em ambos os papéis títulos.

Duas características principais destacam-se nessa realização, além de seu profissionalismo: a essencialização dos *décors* de interiores e das locações exteriores e o referido desempenho interpretativo de Barrymore. Mas, perfilhando o tema fílmico, ao lado delas subsistem restrições, convivendo aí, pois, como no protagonista, as facetas do bom e do ruim.

Não só, mas, também, ou até principalmente, em decorrência de restrições orçamentárias, os *décors* apresentam-se nos estritos limites de sua necessidade, conveniência e eficiência. Nada de luxo ou excessos. Apenas o indispensável e apropriado para o exercício da trama ou até menos que o necessário. Mas, o que importa para a realização, é a fluência narrativa impulsionando e acompanhando a movimentação das personagens.

Por sua vez, o desempenho de Barrymore, descontando-se certas atitudes um tanto forçadas quando no papel de médico, comuns no cinema mudo, em que a falta de som exigia a ênfase na expressão facial e gestual, é notável na representação do misterioso Hyde, notadamente nas fases de transformismo. Afirma-se que face

(sem alusão) a uma dessas cenas, um dos câmeras, desconhecendo o roteiro, desmaiou.

Claro que hoje, e já há muito tempo, todos perdemos essa inocência, tais e tantos efeitos especiais o cinema tem proporcionado. Mas, sem dúvida, a performance de Barrymore, calcada mais na expressão facial e corporal do que nos recursos da maquiagem, constitui um dos grandes momentos dessa arte.



Já no perfilhamento de sua dupla natureza, à semelhança, pois, do protagonista, o filme apresenta evidenciada limitação conceitual, apenas materializando imagetivamente a estória original de modo convencional e linear, à margem pois, das correntes mais avançadas do cinema então praticado, tanto na Europa (expressionismo alemão, *avant-garde* francesa e alemã, cinema soviético), quanto nos Estados Unidos (a obra de Griffith, notadamente).

Ademais disso, já no plano da concepção original da trama, perfilhada no filme, cumpre destacar o simbolismo da tese da ocorrência da dualidade da natureza humana ao se extremá-la no exagero físico-mental pelo efeito de beberagem destilada em laboratório.

A prática tem se incumbido de comprová-la, não só na liberação e transformismo mental produzidos em consumidores das drogas pesadas à disposição no mercado, com suas decorrentes manifestações de maldades, atrocidades e crimes tais quais os cometidos pelo assombroso Hyde, como até mesmo em atos corriqueiros da vida.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003)

A DUPLA VIDA DE VERÔNICA

A Problemática do Duplo

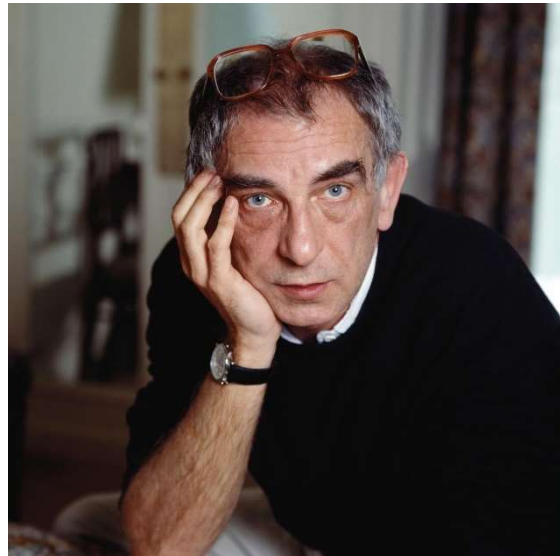
Kieslowski primeiro escolhe a atriz (Irene Jacó). Depois, o tema, a situação e as circunstâncias. Ou o contrário. Tanto faz. O resultado é o mesmo. Poético.

A Dupla Vida de Verônica (La Double Vie de Véronique, Polônia/França, 1991) porta duas características principais: poesia e minudências.

Delas, das minudências, o cineasta extrai (ou nelas injeta) uma poética da imagem. Mais do que o assunto, sobrealçam, centralizam e compõem o filme as minúcias comportamentais da protagonista: gestos, atitudes, movimentos, semblante. Sobre isso e com isso Kieslowski escreve sua obra imagética, distendendo-a até o limite, explorando suas variações e variantes, contemplando com a câmera (caneta) o mundo também contemplado por Verônica, em tomadas, cenas e sequências pautadas por filigranas e sutilezas objetivas (o rosto e expressões da personagem).

Sobre esse substrato estético seguem (e prosseguem) as impressões (e sugestões) de duplicidade pessoal.

Não há (nem poderia haver) pessoa com dupla vida no sentido pretendido pelo cineasta, que arbitrária e



KIESLOWSKI

infundadamente cria duas personagens (uma em Paris, outra em Varsóvia) nascidas no mesmo dia (instante?) e sócias que seguem normalmente suas vidas, sem inferências e interferências de quaisquer espécies, a não ser, na Verônica francesa, a impressão (imponderável e impossível na realidade) de que *“toda a minha vida senti que estava em dois lugares ao mesmo tempo. Aqui e em outro lugar”*.

Tema, pois, meramente pretextual para induzir e estabelecer clima propiciatório à contemplação e imponderabilidade quase física da protagonista, cuja atriz se esmera, sob a segura direção do cineasta, em corresponder e corporificar a tese proposta.



Assim, sobre esse pretexto temático, que poderia ser qualquer outro conveniente, o cineasta elabora e cria, num belo filme, tessitura poética favorecida pela face angelical da atriz.

*

A problemática do duplo, em literatura e cinema, remonta ao conto de Edgar Allan Poe, “William Wilson”, dos *Contos de Terror, de Mistério e de Morte*, publicado pela primeira vez, em 1839, em jornal da Filadélfia/EE.UU.; da novela da juventude de Dostoiévski *O Duplo* (1846); do conto “O Horla”, de Maupassant; e do filme *O Estudante de Praga* (Der Student von Prag, Alemanha, 1912), de Stellan Rye, este por sua vez extraído do conto poesco amalgamado com outras inspirações.

Em todos esses precedentes, os duplos dos protagonistas lhes são adversos e perturbadores, com eles convivendo. Diversamente, no filme de Kieslowski a personagem dupla da protagonista e sócia que vive em outra cidade em nada com ela interfere, a não ser a referida sensação da protagonista de ter ou ser dupla, sentindo-se viver em dois lugares, com o que o cineasta polonês, encampando o tema, dá-lhe conteúdo e orientação diversa da tradicional.

(do livro eletrônico *O Cinema de Almodóvar e Kieslowski*, julho 2021; e do livro eletrônico *Filmes Europeus Muito Bons*, vol. II, março 2021)



o idioma: ser e significado

sem muito esforço, mas, provocado pela realidade, um dia atinei, tendo de subir ao segundo andar de um prédio, com a transformação e emprego desse verbo como substantivo. no caso, não se deu propriamente sua substantivação, mas, alteração de natureza e gênero. quando se diz que um edifício possui tantos andares ou vou ao andar tal, tem-se, portanto, completo e cabal substantivo, sinônimo de pavimento. o fenômeno linguístico constitui das maiores ou a maior faculdade humana, visto que sem ele os indivíduos não teriam condições de pensar, quanto mais de ter ideias e transmiti-las. o idioma, pois, não é mero instrumento de comunicação. é muito mais. consiste na própria materialização do pensamento que, sem ele, não teria outra forma de existência, de viabilização. as palavras, pois, transcendem às simples faculdade e possibilidade, formando e compondo o próprio ser humano como uma de suas partes integrantes, a mais importante depois de seu organismo, em que se inclui o cérebro, ponto de partida e chegada de todas as sensações e manifestações humanas. além disso, ocorrência fantástica é a extraordinária mobilidade, plasticidade, variedade e adaptabilidade idiomática do ser humano. à sua semelhança, não é algo pronto e acabado, definitivo e imodificável. como ele, altera-se, amplia-se, diversifica-se, multiplicando-se indefinida e infinitamente em possibilidades, criando e incorporando sempre novos elementos vocabulares de conformidade com as circunstâncias, suas transformações e necessidades.

(do livro eletrônico *Ocorrências*, outubro 2021)

Repercussão de Dimensão

Correspondência/Brasil

ANOS DE 1985 E 1986

1985

“Dimensão é muito comentada por todos que já tiveram o prazer de vê-la [...] por aqui e outras plagas por onde tenho andado.”

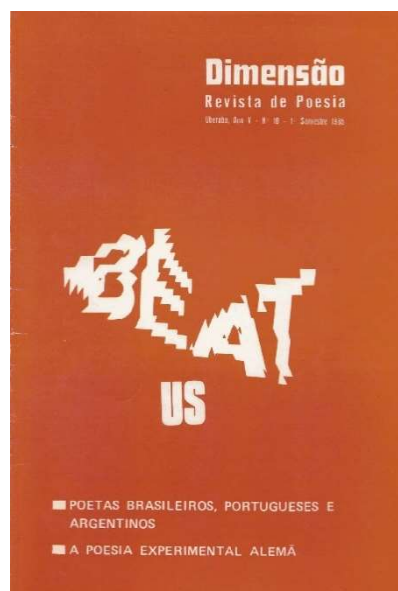
(DIONE BARRETO, Recife/PE, 11 janeiro 1985)

“Parabéns pela excelente revista que vocês vêm fazendo, impecável na apresentação e no conteúdo.”

(LUÍS CARLOS AMORIM,
Joinville/SC, 30 janeiro 1985)

“Há vários anos acompanho o trabalho de resistência na manutenção da revista Dimensão e o belo trabalho, tanto pela seleção dos poemas como pela apresentação.”

(SALOMÃO SOUSA, Brasília/DF, 04 fevereiro 1985)



“Fiquei muito bem impressionado com o nível dos trabalhos publicados na Dimensão, um pessoal novo e extremamente competente. Assim, o país até parece rico, pelo menos em poesia (e talvez o seja mesmo).”

(AMÂNCIO BORGES, Belo Horizonte/MG, 07 fevereiro 1985)

“Dimensão é uma revista de alto nível, coerente do princípio ao fim, muito boa estética.”

(FLÁVIO LUÍS FERRARINI, Flores da Cunha/RS, 12 março 1985)

“Já conhecia outros números e mais uma vez pude constatar o seu excelente nível tanto na escolha dos textos como no acabamento gráfico.”

(JADER MACEDO JÚNIOR, Rio de Janeiro/RJ, 15 março 1985)

“Dimensão se impõe como um trabalho que cuida do nível dos textos publicados, além de apresentar ao escritor a chance de participar com mais de um poema, isto dá ao leitor uma visão de conjunto de sua obra.”

(IACIR ANDERSON FREITAS, Juiz de Fora/MG, 31 março 1985)

“Acuso o recebimento da revista Dimensão. Gostei muito: trata-se de uma publicação de alto nível.”

(ALCIDES WERK, Manaus/AM, 14 maio 1985)

“Como agradecer o nº 10 de Dimensão - revista de poesia? Ela é tão importante que faz com que meu obrigada pareça insuficiente, mas meu agradecimento é grande e sincero.”

(LEILA MÍCOLIS, Rio de Janeiro/RJ, 03 junho 1985)

“Muito obrigado pelo nº 10, referente ao 1º semestre de 1985, de Dimensão, que venho acompanhando desde os primeiros passos. Completar cinco anos de existência é uma proeza respeitável.”

(NÉLSON WERNECK SODRÉ, Rio de Janeiro/RJ, 03 junho 1985)

“Recentemente, em minhas andanças pelas sussurradas esquinas de Brasília, deparei-me com a valorosa revista Dimensão. Fiquei realmente encantado com a qualidade de impressão, bem como o conteúdo dos textos por ela apresentados.”

(ANAND RAO, Brasília/DF, 05 junho 1985)

“Me emocionou encontrar o meu ‘Silêncio’ falando nessa preciosa revista. Aliás considero Dimensão a melhor revista de poesias existente no Brasil atualmente [...] Era intenção minha aplicar Dimensão 10 na minha turma de Português da Universidade, para que os alunos fizessem estudo dos textos.”

(JOSÉ BATISTA DE LIMA, Fortaleza/CE, 08 junho 1985)

“A revista está linda, aliás como sempre esteve. É um trabalho em cima de critérios e que prestigia o autor.”

(ALCIDES BUSS, Florianópolis/SC, 13 junho 1985)

“Fico satisfeito em ver que a revista vai se enraizando e vai sendo conhecida.”

(ARICI CURVELO, Niterói/RJ, 17 junho 1985)

“Ótima a diversificação deste número: poetas portugueses, argentinos e os experimentais alemães, além dos brasileiros.”

(MAX MARTINS, Belém/PA, 19 junho 1985)

“Meu agradecimento pela oferta do nº 10 de Dimensão e felicitações pelo êxito dessa excelente publicação.”

(ABGAR RENAULT, Rio de Janeiro/RJ, 21 junho 1985)

“A edição é uma das melhores e a capa, sem plastificação, papel linho, tomou a sua mais bem apresentada concepção gráfica.”

(AGE DE CARVALHO, Belém/PA, 22 junho 1985)

“Agradeço pela revista. Confesso não haver gostado de tudo, especialmente as páginas dedicadas à poesia experimental alemã. Pessoalmente, nunca simpatizei muito com esse tipo de proposta.”

(JÚLIO POLIDORO, Juiz de Fora/MG, 22 junho 1985)

“Recebi Dimensão 10 - uma beleza gráfica e uma instigação cultural. Devorei - e degluti - os textos [...] Os alemães: um notável feito editorial, ajudando a abrir novos horizontes.”

(UILCON PEREIRA, Marília/SP, 23 junho 1985)

“Guardo com carinho todos os números de Dimensão, a meu ver a melhor e mais importante publicação brasileira no gênero.”

(JOSÉ AFRÂNIO MOREIRA DUARTE, Belo Horizonte/MG, 27 junho 1985)

“Dimensão é mesmo uma belíssima revista e espero que continue cada vez melhor.”

(JOSÉ HENRIQUE DA CRUZ, São Paulo/SP, 27 junho 1985)

“De todo nosso papo em Ouro Preto senti que a revista pode galgar muito mais, tanto no plano gráfico quanto no conteúdo [...] Penso que com o mesmo custo, as mesmas dificuldades e os mesmos acertos, poderíamos fazer uma surpreendente revista. Há coisas muito boas já. Mas ainda acho acanhada a apresentação, a escrita, a ocupação do espaço.”

(TONICO MERCADOR, Belo Horizonte/MG, 30 junho 1985)

“Recebi o nº 10 de sua revista, uma notável publicação [...] Dimensão desperta na gente a vontade de criar, de procurar, de

não conformar-se com o que está aí, que é o que sempre esteve: repetição de coisas que não precisam ser repetidas.”

(FRANCISCO MIGUEL DE MOURA, Salvador/BA, 05 julho 1985)

“De repente, eu me vejo num alto astral, com a visita do carteiro, me trazendo Dimensão. Preciso alimentar-me disso, e te agradeço.”

(ALCIDES WERK, Manaus/AM, 06 julho 1985)

“Atendo prontamente ao seu pedido, pois a revista já deve estar no forno: aqui estão os originais dos poemas de Paul Celan. Não enviei junto às traduções porque não é costume no Brasil as publicações bilíngues. Mais um ponto para Dimensão na tentativa de instaurar esse hábito saudável de qualquer edição estrangeira. Ótimo.”

(AGE DE CARVALHO, Belém/PA, 25 julho 1985)

“Parabéns pelo trabalho que vem desenvolvendo com a revista [...] Seu trabalho realmente é de primeira. Não vou dizer que é patriótico [...] Trata-se de um trabalho maior. Digo que é santo.”

(MOACIR AMÂNCIO, São Paulo/SP, 26 julho 1985)

“Aproveito para fazer um elogio ao último número. Um elogio todo especial pois este último número está realmente sensacional.”

(DORIAN LIMA, Natal/RN, julho 1985)

“Recebi com o prazer o último número da revista. Muito boa, excelente.”

(ALUÍSIO MATIAS, Natal/RN, julho 1985)

“Recebi o exemplar da revista Dimensão. Não esperava que fosse algo tão bem elaborado. [...] Ainda não tinha lido uma publicação assim.”

(DENISE TEIXEIRA VIANA, Rio de Janeiro/RJ, 13 agosto 1985)

“Dimensão é muito lida. Já recebi correspondência de pessoas que me conheceram na sua revista.”

(JOSÉ BATISTA DE LIMA, Fortaleza/CE, 25 agosto 1985)

“Li e gostei muito da revista. Realmente vocês conseguiram chegar onde outras revistas do gênero ainda não o fizeram.”

(EDINEIA L. S. OLIVEIRA, Londrina/PR, 06 setembro 1985)

“Gostei da alteração no último número, é um bom passo para o crescimento/abertura de espaços na revista. Acho que isto deve amadurecer daqui pra frente, ainda tive algumas restrições com relação ao resultado final do número.”

(IACIR ANDERSON FREITAS, Juiz de Fora/MG, 10 setembro 1985)

“Aí surge Dimensão. Estou escrevendo porque das publicações que tenho lido esta é sem dúvida a mais séria, e se não revela o novo, pelo menos mostra consciência de não cometer disparate.”

(OSVALDO COPERTINO, Guajará-Mirim/RO, 19 novembro 1985)

“Dimensão nº 11. Afinal, são 6 anos e muita coisa boa publicada. O nível da revista, nada a desejar, está bom [...]. Dimensão está entre as 3 melhores de poesia de Minas. E entre as dez, de nível, no país.”

(ARICI CURVELO, Niterói/RJ, 22 novembro 1985)

“Cumprimentos pelo nº 11, realmente excelente.”

(NÉLSON WERNECK SODRÉ, Rio de Janeiro/RJ, 24 novembro 1985)

“Mais uma vez Dimensão se coloca entre as publicações dotadas de rigor estilístico e acabamento impecável.”

(JADER MACEDO JÚNIOR, Rio de Janeiro/RJ, 30 novembro 1985)

“Acabo de receber Dimensão nº 11 [...]. O ponto alto está nas traduções de Joyce, Celan e Ginsburg, não só pelos textos em si mas e principalmente pelos tradutores, grandes poetas e recriadores do texto.”

(JOSÉ BATISTA DE LIMA, Fortaleza/CE, 03 dezembro 1985)

Vocês, da Dimensão, são invulneráveis à ingratidão: quanto tempo me enviam sua revista, aliás de boa, não raro de ótima qualidade.”

(ARMINDO TREVISAN, Porto Alegre/RS, 18 dezembro 1985)

“Recebi Dimensão nº 11, como sempre uma edição graficamente primorosa e boa coletânea de poemas.”

(ALCIDES BUSS, Florianópolis/SC, 19 dezembro 1985)

“Dimensão é inteligente e atual. Nela tudo é perfeito.”

(GERALDO DIAS DA CRUZ, Goiânia/GO, 20 dezembro 1985)

“Agradeço o envio da revista Dimensão, como sempre um trabalho maravilhoso.”

(JUREMA BARRETO DE SOUSA, Santo André/SP, dezembro 1985)

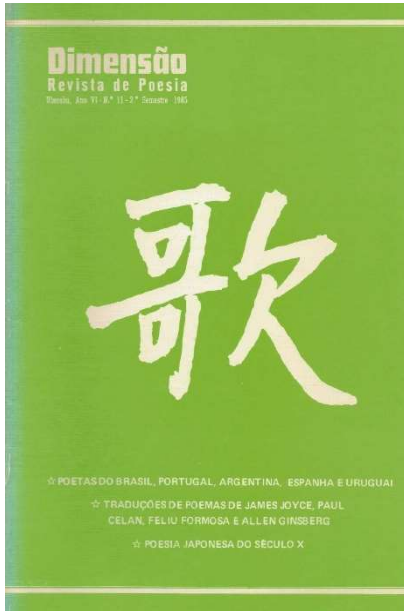
“Acuso o recebimento da deliciosa e inteligente revista de poesias.”

(J. LUÍS CONTI, Jardinópolis/SP, dezembro 1985)

“Recebi com alegria a revista Dimensão [...] Impressionou-me sobremaneira a revista como um todo.”

(RONAN TITO DE ALMEIDA, Brasília/DF, dezembro 1985)

1986



“Muito bonita a revista, aliás, como sempre. Ótimo nível.”

(MARIA JOSÉ GIGLIO, São Roque/SP, 13 janeiro 1986)

“Não é só pela quase inexistência da circulação da experiência literária entre nós que acho essencial a presença de uma revista como a sua, mas principalmente pelo compromisso nela mantido para com a qualidade da poesia editada.”

(LÉLIA COELHO FROTA, Rio de Janeiro/RJ, 18 janeiro 1986)

“Só encontro, mesmo, uma palavra: milagre. Não acho qualquer outra maneira para definir esta maravilha em estado puro - Dimensão, alumbramento.”

(UILCON PEREIRA, Marília/SP, 20 janeiro 1986)

“Uma grande ideia só poderia ter o resultado que teve. Dimensão extrapola as margens da poesia, a torna universal, colocando lado a lado a humanidade nas traduções.”

(JOSÉ ALVES, Assis/SP, 05 fevereiro 1986)

“Dimensão está cada vez melhor.”

(CLEONICE RAINHO, Juiz de Fora/MG, 05 fevereiro 1986)

“Encontrei a revista (nº 11) na Brasiliense. Está ótima!”

(LÚCIO KUME, São Paulo/SP, fevereiro 1986)

“Li sua revista de cabo a rabo. Fiquei muito entusiasmado. Na minha opinião, é a melhor revista literária do Brasil.”

(NEURE BERTAN, Cambé/PR, 09 março 1986)

“Gostei muito da revista, como sempre apresentando competentemente uma visão panorâmica da palavra poética. Achei a capa belíssima [...] Está se tornando cada vez mais atraente.”

(PATRÍCIA BORGES, Juiz de Fora/MG, 10 março 1986)

“Acabo de receber a maravilhosa revista, altamente culta, bem estruturada.”

(JOANA D’ARC DE OLIVEIRA, São Paulo/SP, março 1986)

“Parabéns pelo belo trabalho que vem realizando com Dimensão, sempre muito cuidada.”

(OLGA SAVARI, Rio de Janeiro/RJ, 27 maio 1986)

“Estou com saudade da revista que você edita. A semestralidade é muita coisa para um país que possui tão

poucas revistas literárias. Sei, porém, quanto é difícil esta empreitada, sempre um desafio só superado por pessoas com muita determinação.”

(ALCIDES BUSS, Florianópolis/SC, maio 1986)

“A revista Dimensão é simplesmente sensacional, de um nível sério e marcante.”

(ANTÔNIO JÚNIOR, Itabuna/BA, 01 agosto 1986)

“Recebi um exemplar da magnífica Dimensão e achei ótima, incrivelmente ótima!”

(DJALMA A. DE SANTANA, Banco Central/BA, 15 agosto 1986)

“Recebi Dimensão nº 11. Li-a, gostando bastante do seu conteúdo, bem como de sua apresentação gráfica e correção.”

(LACI JOSÉ RAIMUNDO, São José do Ouro/RS, 17 setembro 1986)

“Agradeço a revista nº 12/13, que está ótima.”

(ROSANA QUEIRÓS, Rio de Janeiro/RJ, 03 dezembro 1986)

“Dimensão é um prazer de leitura e para os olhos também.”

(ROSWITHA KEMPF, São Paulo/SP, 04 dezembro 1986)

“Acuso o recebimento da revista Dimensão. Que beleza!”

(MARCIANO VASQUES PEREIRA, São Paulo/SP, 08 dezembro 1986)

“Felicitó pela excelência de Dimensão 12/13. Manter uma revista de poesia dessa qualidade é uma proeza digna do maior apreço.”

(NÉLSON WERNECK SODRÉ, Rio de Janeiro/RJ, 13 dezembro 1986)

“Recebi Dimensão. Está muito boa! Muito conteúdo, ótima apresentação.”

(ALUÍSIO FERREIRA, dezembro 1986)

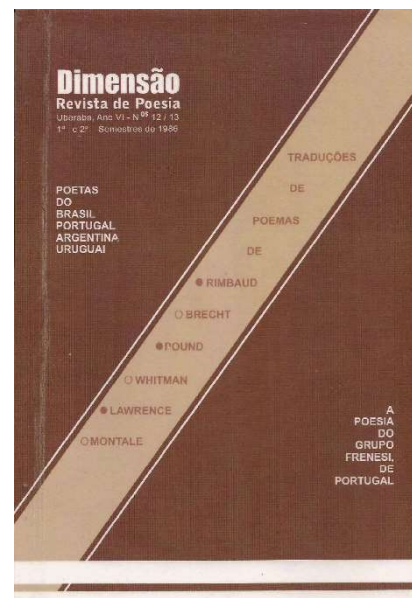
“Dimensão que acabo de receber está linda.”

(MARIA JOSÉ GIGLIO, São Roque/SP, dezembro 1986)

“Recebi Dimensão nº 12/13. Volumosa. [...] Falaram-me] em desativação de sua revista. Não acreditei e continuo sem acreditar. Você não pode deixar essa revista acabar. É o que há de melhor hoje no Brasil pra gente ler, no gênero.”

(JOSÉ BATISTA DE LIMA, Fortaleza/CE, 22 dezembro 1986)

(do livro eletrônico *Repercussão da Revista Dimensão – Correspondência*, outubro 2020)



Ficção

O FILHO

- Onde está o menino?
- No quarto de brinquedos.
- No quarto?
- É.
- Sozinho?
- Sim.
- Não é possível.
- Como não?
- Como você deixa o menino sozinho?
- Mas, ele está acostumado.
- Acostumado?
- É, sempre ele brinca lá.
- Isso para mim é novidade.
- Novidade?
- É.
- Não sei porquê.
- O menino não pode ficar sozinho.
- Não há perigo.
- Como não há?
- Não.
- Por quê?

- Ele está acostumado e lá não há nenhum perigo.
- O perigo sempre existe quando se trata de criança.
- Não nesse caso.
- Espero que não.
- Pode crer.
- Não é questão de crer. É que ele não tem idade para isso.
Não se pode deixá-lo sozinho.
- Mas, ele já tem idade suficiente.
- Não é possível você dizer uma coisa dessas. Como um
menino de um ano pode ter idade suficiente?
- Que menino de um ano?
- O Luís.
- O Luís? É ele que você quer saber onde está? Pensei que
fosse o Paulo.
- Mas, é o Luís. Onde está?
- Você não sabe?
- Não, se o soubesse, não perguntaria.
- Muito me admira!
- Por quê?
- Por quê?
- É!
- Ele está no seu colo!...

(do livro eletrônico *Ocorrências*, outubro 2021)



Poesia

dersu

surge	urso
fala	gente
pensa	sábio
age	um bom
- dersu uzala	

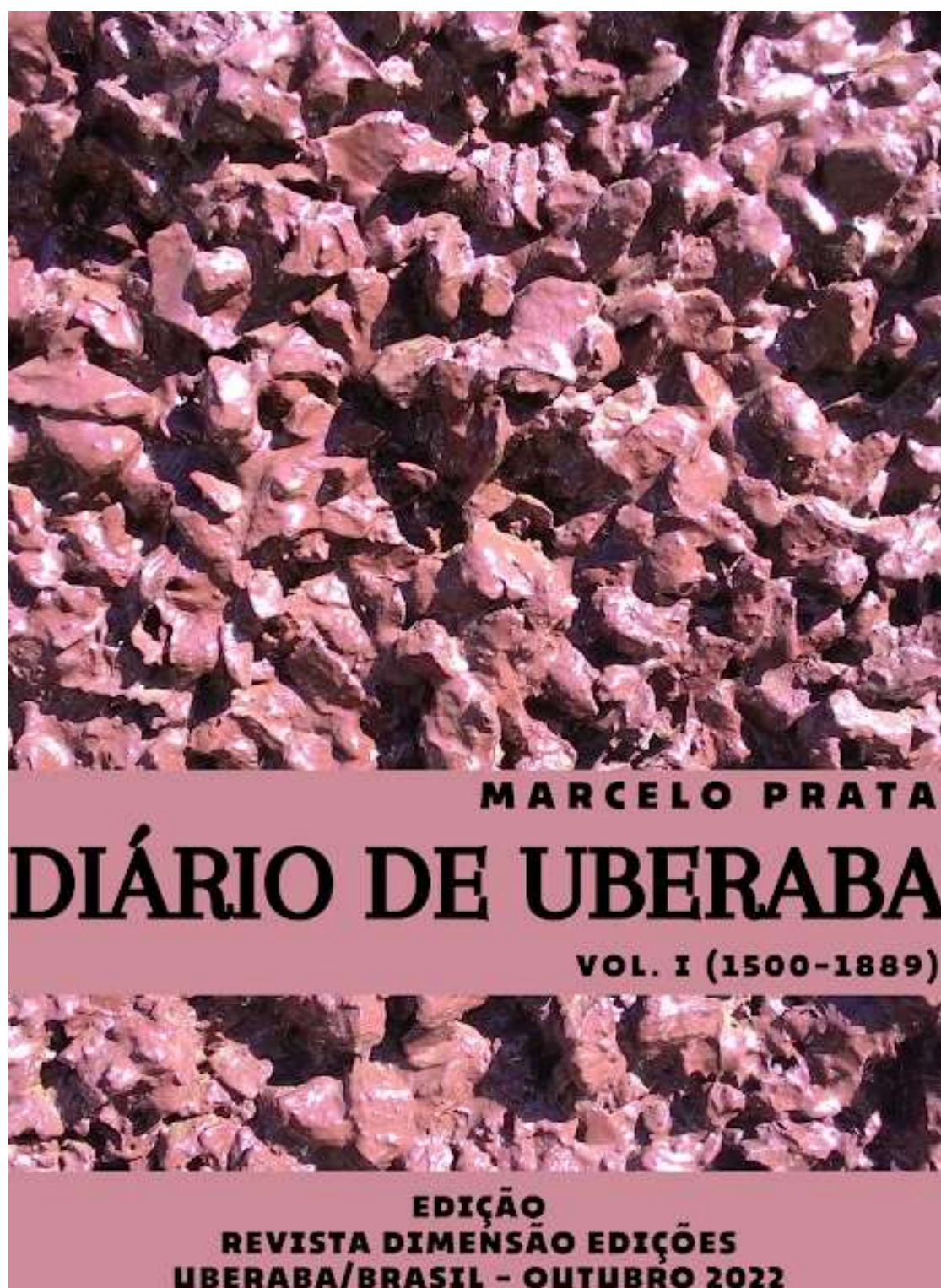
flores	beleza
olhos	distâncias
sorriso	paisagens
vida	e morte
- a floresta	

(do livro físico *Espécies*, 2005)

Indicações

**ACESSO, LEITURA, IMPRESSÃO E
COMPARTILHAMENTO INDIVIDUAIS LIVRES E
GRATUITOS**

LANÇAMENTOS!



NO BLOG

<https://diariouberabense.blogspot.com/>

ALEXANDRE BARBOSA
SILVÉRIO JOSÉ BERNARDES

A ESTRADA DO ANHANGUERA

2ª EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - OUTUBRO 2022

NO BLOG

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com/>

EDIÇÃO EM INGLÊS

Brasil: Cinco Séculos de História

Vol. I (antecedentes a 1799)

No Blog <https://guidobilharinho.blogspot.com/>



BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DE SET/2017 A AGO/2022)

62 VOLUMES EDITADOS

**LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL –
TEMAS REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS**

<http://guidobilharinho.blogspot.com>

DIMENSÃO

Revista Internacional de Poesia

(1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>

Revista PRIMAX – Arte e Cultura

Edições em Português, Inglês e Espanhol

<https://revistaprimax.blogspot.com>

Revista NEXOS – Estudos Regionais

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

36 Volumes Editados – Diversos Autores

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO

- HISTÓRIA - ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO

MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL -

TEATRO – BIBLIOGRAFIA

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

AUTORES UBERABENSES

10 Livros Publicados

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS –

ENSAIOS – TEATRO

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

DIÁRIO UBERABENSE

Livro *Diário de Uberaba*

de Marcelo Prata

Vol. I (1500-1889)

<https://diariouberabense.blogspot.com>